

# Crianças «em risco»

**Q**UANDO, a quinzena passada, sob este mesmo título, abordámos o caso de quatro irmãozitos de um concelho vizinho — «um dos casos dessa semana» — ficaram-nos mais dois, tão expressivos do sofrimento a que estas crianças estão expostas, que não resisto a trazê-los aqui, ao menos este que constituirá a matéria da nossa reflexão de hoje. Reporto-me à informação recebida de um Núcleo do Instituto de Reinserção Social da grande Lisboa de onde, frequentemente, nos chegam (aqui e às demais Casas do Gaiato e, certamente, a outras Instituições...) pedidos de colaboração. É um mundo de problemas sem fim que se estendem pelo Vale do Tejo acima.

O Fábio vai em doze anos e não é em carências económicas ou de habitação que consiste a sua grande carência.

*«É fruto de uma relação ocasional da progenitora quando esta se encontrava casada com o seu primeiro conjugue» o qual «viria a registar o menor, funcionando para ele como sucedâneo da figura paterna. Com efeito, é ao pai registral que o menor chama e considera pai, embora tenha conhecimento de toda a situação referente à sua paternidade. Deste primeiro casamento, existe ainda um irmão uterino do Fábio, de nove anos, que se encontra a residir com o progenitor.*

*Quando o Fábio tinha cinco anos, a progenitora separou-se do marido, tendo começado de imediato a viver com o actual conjugue. Nesta altura o Fábio ficou a viver com o pai biológico e depois com os avós maternos. Por falecimento da avó, tinha o menor oito anos, foi viver com uma tia da progenitora», em outra terra, «onde permaneceu cerca de um ano. Então regressou para junto do pai biológico. Por ocasião da Páscoa, o Fábio foi passar junto do pai registral e do irmão. No final das férias este veio trazê-lo ao pai biológico. Contudo o menor recusou-se a permanecer com ele, acabando por ir 'bater à porta' da progenitora, que o acolheu sem conhecimento e autorização do actual conjugue, o que faz com que o Fábio permaneça até agora numa espécie de clandestinidade junto da progenitora.» (...) «Evidenciando sofrimento quando se aborda sua história pessoal, o Fábio apresenta-se afável e dócil no contacto com o adulto, revelando muitas*



Vive aqui, por esmola, uma família constituída por pais e três filhos.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

# Sentir em nós a amargura dos Outros

**S**EMPRE que por ali temos que passar fica-nos no coração o viver da família que tem de habitar o casebre (gravura junta) que não é deles, mas ali vivem por favor.

Família conhecida por toda a gente da Vila como pobre e com necessidade de ajuda. A mãe doente, três filhos pequenos e só o pai trabalha, a dias, nas obras. Toda a gente sabe que necessitam muito de casa, mas, todos vão passando à frente, cada um preocupado com a sua vida.

Cada vez nos inquieta mais o abandono em que deixamos muitos dos nossos irmãos. Não procuramos sentir em nós a sua amargura de viver. Esquecemos que somos uma família.

Há muitas situações aflitivas que tinham solução se dêssemos as mãos! Casos como este, infelizmente, há muitos. Se os habitantes do povoado, reunidos, tomassem o dever de solucionar o problema — ele seria resolvido. Mas!...

Felizmente, há já terras que têm construído habitações para os mais necessitados. É um gosto visitá-las! São espelho de fraternidade cristã e humana.

\*\*\*

Sentimo-nos muito esperançados e felizes sempre que os nossos olhos vêem notícias a prometer casas para os que vivem em barracas ou tugúrios. Prometem alojar primeiro e só depois

destruir o que deve desaparecer. Primeiro construir e só depois destruir!

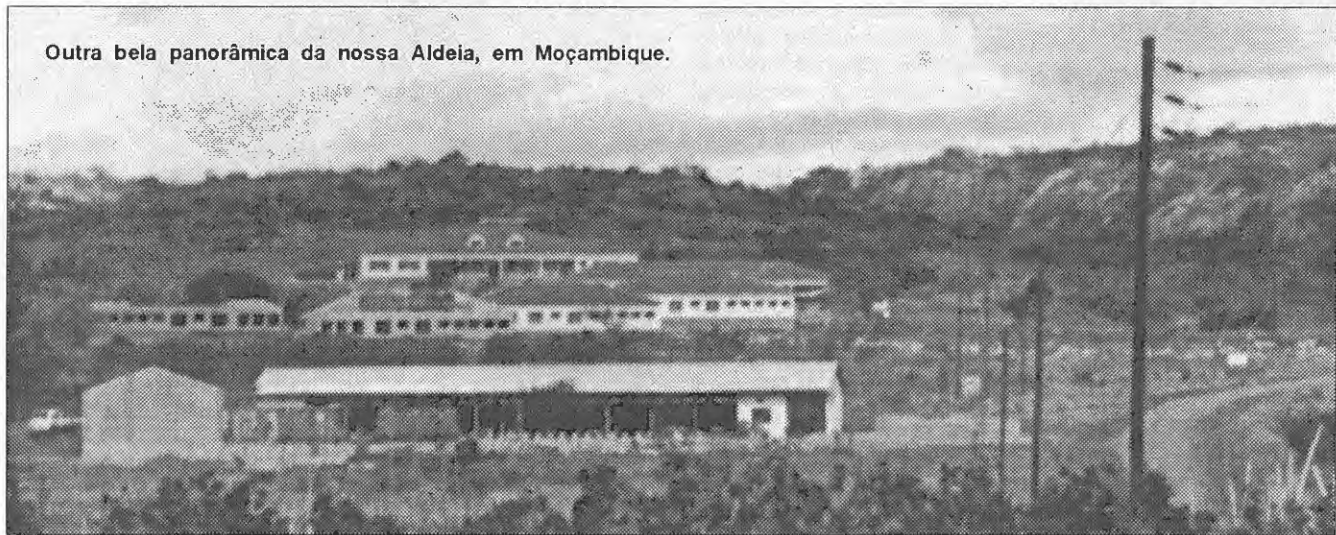
Temos ainda gravada no coração a notícia dada por um responsável camarário acerca do problema da habitação num grande concelho: «Vamos fazer, a partir de agora, realojamentos e demolições semanais, de forma a termos todas as famílias alojadas até ao fim do ano, cumprindo integralmente o nosso plano».

Entre tantas mensagens e notícias que nos destroem, aparecem também algumas que constroem a nossa esperança.

Esta foi uma delas.

Padre Horácio

Outra bela panorâmica da nossa Aldeia, em Moçambique.



## BENGUELA

# São necessárias fogueiras de Caridade

**P**OR pouco ia-se-me o tempo de dar notícias desta quinzena. À hora em que me preparava para escrever (digo que não são todas as horas) recebi o pedido urgente para transportar oitenta mutilados de guerra e deficientes físicos, a fim de passarem três dias à beira mar, em retiro.

Escrever para O GAIATO é um dever. É uma preocupação de todas as quinzenas. Mas não resisti ao pedido que me foi feito. Troquei, por umas horas, a cadeira do escritório pelo assento do motorista do camião Pegaso e fui levar aquela carga preciosa, da Catumbela à baía de Santo António. De certeza, pensava eu, hei-de encontrar uma chispa de inspiração para as notas de Benguela.

Eram oitenta mutilados e deficientes, a viver em suas casas, acompanhados com muito carinho por uma mulher consagrada, no meio do mundo, sem hábito nem constituições, que quer ter como regra de vida o Evangelho. Não é natural de Angola. Veio trabalhar aqui, por amor dum ideal que lhe enche a vida. Os mutilados e deficientes fazem parte do

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**O DOENTE** — Aquela chamada, estampada aqui, sobre o moço com sida e, por arrastamento, o doloroso calvário da própria família também, por graça de Deus motivou a alma, o coração dos nossos Leitores.

Durante alguns meses, o jovem recebeu um subsidiozinho do *Estado Providência* (que não resolve todos os problemas, materialmente...). Mas, com a ajuda de quem nos lê, não falta aos tratamentos num hospital do Porto. Toma um fármaco necessário. Paga os transportes. Compra alimentação adequada — porque está sem dentes.

Abordámos a assistente social que substitui uma outra que é vicentina. Pai Américo ensinou-nos: «Primeiro, a Justiça... Depois, a Caridade».

Dissemos à distinta funcionária que o seropositivo não recebe o subsídio há mais de três meses; que seria precisa a sua interferência directa junto da chefia, etc.

— *A minha colega já me tinha posto esse problema. Tenho o caso em mãos e comecei a procurar solução. O pai e o filho que venham cá. Preciso de estar com eles...*

Hoje, ao fim da tarde, o pai do doente estava exuberante com o acolhimento prestado pela assistente social. Os olhos riam, ainda que humedecidos!

— *A senhora atendeu muito bem! Vai procurar resolver o assunto...*

Todavia, enquanto não, suprimos a parte que o *Estado Providência* bloqueou àquela gente — não se sabe porquê...!

Ao menos, valha-nos o sinal de Esperança que é timbre dos Pobres: — *A senhora vai procurar resolver o assunto...*

**PARTILHA** — Assinante 8632, da Rua António José da Silva — Porto, comparece assiduamente com um cheque, agora de sete mil, «pequena ajuda nas enormes despesas que a Conferência tem a seu cargo». É verdade! Perora, por fim, «uma oração» extensiva à «minha família» — disse.

Pinheiro da Bemposta: O assinante 50536 remete uma oferta, de cinco mil, «para o doente com sida. Que se saiba, não há um caso desse flagelo em nossa freguesia, graças a Deus». Assim seja por todo o sempre.

Vale postal, da assinante 21319, de Guimarães, «para o distribuírem como melhor entenderem. Por isso, muito agradecida. Também agradeço que não me enviem agradecimentos...»

A leitora amiga, de Fiães, assinante 31254, manda cheque com «a oferta de Verão: doze mil escudos que gostaria fosse para ajudar o rapazinho com sida — e a mensalidade de Setembro. Embora em tempo de férias, não podemos esquecer aqueles que precisam da nossa ajuda. Vai esta, por alma dos meus queridos Pais. O meu abraço amigo e Deus vos proteja». Agradecemos. E não podemos deixar de sublinhar a citação, de Sertillanges, que orla o topo da missiva: «Aquele que não se dá, é uma flor que não germina».

Assinante 57002, de Senhora da Hora: «Envio quinze mil, para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, meu pequeno contributo do mês de Agosto. Não é preciso agradecer. Peço uma oração...».

Assinante 14493, do Porto, envia periodicamente um



Gaiatos e bananas da Casa do Gaiato de Malanje

óbolo. Hoje, para todos nós, «deseja um bom período de férias», também. Retribuímos com amizade.

Ainda do Porto, Rua do Cunha, comparece a assinante 60788: «Em período de férias, vai um pequenino contributo para minorar as necessidades daqueles que nem férias podem gozar». São legiões de pessoas em todo o mundo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Antigos Gaiatos de Malanje

**CONVÍVIO** — «Quem descobre e saboreia um bom fruto, logicamente procura encontrar e conhecer a árvore que o produziu.»

Na escolha desta frase pretendo, apenas, resumir o significado dos nossos encontros.

Pai Américo plantou uma árvore que frutificou e produziu a Obra da Rua. Tão bons são os frutos que muitas crianças se deliciam à sua sombra. Tem ramos fortes que se estendem à África, retirando da rua, da guerra e da fome crianças tão necessitadas que nem os próprios pais sabem o que é ter uma família.

O ramo malanjino tem um verde escuro igual a uma seara de trigo. Dá uma sensação de tranquilidade e abundância, comunica a esperança na produção de pão, na ânsia de que todos o saboreiem sem egoísmo, inveja e ódios.

A presença do nosso Padre Telmo neste convívio, realizado a 9 e 10 de Agosto, em Setúbal, deu-nos vontade de voar até Malanje onde o sol é mais ardente, o céu mais límpido e azul, as estrelas brilham mais e a água é mais cristalina! Só a guerra traz núvens escuras, carregadas de ódio, para estragar o verde da bonita paisagem que gostamos de apreciar.

Jesus Cristo não pediu contas a Pedro pelo facto de O ter

negado três vezes e não ajustou contas com os outros Apóstolos pelo facto de terem fugido, quando O levaram preso. Há tanto para amar que não sobra tempo nem espaço para ressentimentos.

O tempo não foi nosso amigo! Tivemos de ficar os dois dias no Lar de Setúbal. Dias calmos, silenciosos. Ninguém ficou triste quando surgiram os primeiros abraços e as manifestações de alegria no reencontro que, não obstante repetido, traz algo de novo e desvenda sempre factos que se desconhecem.

A Celebração Eucarística e a reunião anual são os pontos altos. Depois..., bem, depois o repasto que os estômagos não negam, sobretudo se a hora já for adiada...

Durante as refeições o grupo manteve-se alegre, ruidoso, animado com histórias e picardias que se fizeram ou não; enfim, todo o reviver de um

mundo que vai ficando cada vez mais longe, mas que é belo reviver!

Houve a presença de casais amigos que viveram na cidade de Malanje. Para uns não é novidade, outros vieram pela primeira vez e gostaram. Temos as portas abertas para quem desejar confraternizar connosco, por amor à Casa do Gaiato de Malanje e ao nosso Padre Telmo.

À despedida, abraços longos, clara demonstração de saudade e promessa de continuar no futuro. O Quim Vieira e a filha, o Lupicínio e esposa ficaram entregues à organização do próximo convívio, na praia de Azurara. Que façam o melhor...!

Os nossos filhos também entram na organização. Agora, foi o Miguel e a Telma, com a orientação do Pedro que faz refeições tão saborosas! A Telma demonstrou muita juventude, muita alegria; que o

futuro lhe sorria, pois bem o merece.

O nosso Padre Acílio, como sempre, cedeu as boas instalações do Lar de Setúbal e deliciou-nos com alguns alimentos para complemento das dietas. Apareceu para dar um abraço ao nosso Padre Telmo e seguiu logo para o Algarve — levar o testemunho de Pai Américo.

Recebemos vinho verde da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, tão saboroso nestes dias quentes de Verão!

Continuaremos a precisar do apoio de todas as Casas do Gaiato e dos Padres da Rua que nos ajudam a conhecer e a saborear os frutos da grande árvore que é a nossa Obra.

Manuel Fernandes

## PAÇO DE SOUSA

**DESPORTO** — O Desporto, em nossa Casa, ocupa uma grande parte da nossa Comunidade; porém, debatemo-nos com falta de material desportivo em todas as modalidades.

Temos feito vários pedidos e muitos deles com êxito — sem estarmos a contar! Aconteceu, agora: Fomos presenteados com máquinas de ginásio, oferta da *DESCUL — Desporto e Cultura, Lda.*, do Barreiro. Sem dúvida, um presente que favorece os nossos atletas, na recuperação e manutenção da musculatura. Nada tínhamos, e estávamos, por vezes, privados de alguns atletas com demoradas recuperações. Em nome do Grupo Desportivo, e de toda a Comunidade, agradecemos as dádivas dos nossos Amigos — a bem do Desporto, dos jovens. Muito obrigado.

Carlos Alberto

**MILHO** — Cresceu bastante, ultimamente; está com bom aspecto. Não é para nosso consumo, mas para alimentação do gado.

**FRUTA** — Está madura! Os nossos companheiros andam a colhê-la no pomar. Temos grande quantidade e muito boa.

**TRABALHO** — Parte da Comunidade está muito ocupada, ultimamente, na limpeza das matas. Bom trabalho!

«CONTINENTE» — Este hipermercado tem-nos oferecido, regularmente, muitos produtos alimentares, brinquedos — e muito mais! Agradecemos com o coração nas mãos.

**CONTENTORES** — Ultimamente foram deles, para a nossa Casa de Malanje, com produtos alimentares, equipamento agrícola e muita roupa, calçado, etc.

## RETALHOS DE VIDA

### 'Cacto'

O meu nome: Rui António da Rocha Pinto. A alcunha: «Cacto».

Nasci na freguesia de Castêlões de Cepeda — Paredes, a 8 de Janeiro de 1982.

Por morte de meu pai vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Os meus avós não nos podiam sustentar, pois éramos mais cinco irmãos... Quem intercedeu por mim, a pedido de minha mãe e de minha avó, foi o senhor Abade de Duas Igrejas — Penafiel, onde reside a nossa família. Aqui estou, feliz, desde 13 de Setembro de 1991. E tenho, por cá, muitos amigos.

Vou frequentar o 8.º ano do Ensino Básico. Quando for grande, gostaria de ser motorista dos camiões TIR.

Sou adepto do Benfica!



Rui Pinto («Cacto»)



## BENGUELA

## São necessárias fogueiras de Caridade

Continuação da página 1

seu mundo. Quem dera arrastasse atrás de si outras mulheres queimadas pela mesma paixão!

Angola tem sido incendiada pela fogueira devastadora da guerra que teima em não parar. São necessárias fogueiras de Caridade que anunciem vida e semeiem Esperança. Angola tem necessidade urgente destas fogueiras onde se queimam o ódio e a vingança. São gestos a que podemos dar o nome de proféticos.

Os mutilados, a que me refiro, são fruto da guerra. Não vi neles qualquer sinal de revolta, nem lhes ouvi alguma palavra agressiva. Quem os temperou? O amor daquela mulher e dos que com ela trabalham.

Angola está cheia de mutilados! Está na dianteira, dizem. Vejo-os, todos os dias, em grupos, de porta em porta. Constituem um mundo à parte, pelas circunstâncias da sua vida. Se não se lhes der a mão, a tempo e horas, podem vir a ser um factor de instabilidade social, já pelo número considerável, já pela revolta contra tudo e todos que levam dentro de si, por não serem satisfeitos direitos que consideram adquiridos por terem servido na guerra ou por serem vítimas da guerra. Por isso, o trabalho com os mutilados e deficientes é uma acção evangélica de grande alcance social. «A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos.»

A propósito: Há dias, estive de visita a nossa Casa uma professora, recém-vinda de Portugal. Receava não aguentar o mês inteiro, em Angola, dizia. Porquê? Pela degradação que via por aqui e por ali. Mas não é capaz de ver a beleza escondida por detrás de tudo isso? Já reparou no mundo das crianças, em todos os cantos desta terra? Já reparou que a maioria não tem escolas, nem carteiras nem material escolar? Já reparou que elas têm direitos iguais aos das crianças do seu querido Portugal? Acha que pode «fugir», sem mais nada? Quem as vai ajudar? Elas não são capazes de lhe epcher os olhos? E o coração? Como estava a falar com uma professora, enveredei por este caminho. Percebi que ela não estava a ver esta Angola. Por isso, estava vazia. Mas foi tocada pela realidade.

As crianças são um mundo apaixonante. Há momentos, dei comigo a olhar para os baloiços do nosso parque infantil, acabado de sair do «ovo». Eram os pequenos a deliciar-se com a brincadeira. Já não os vi, pelos cantos da Casa. Estavam ali, entretidos, nas horas livres. Quem dera não se canssem depressa; e sejamos nós capazes de nos deliciar com as suas brincadeiras, até à hora final.

Padre Manuel António

**O GAIATO** — A distribuição do nosso Jornal, no Porto, é agora muito pequena, mas vai indo bem.

Há dezenas de anos que levamos o nosso Jornal às Termas de S. Vicente, aqui ao lado, que merece sempre o interesse dos aquistas nossos Amigos.

**PADRE TELMO** — Já acabou a sua estadia, por cá. Gostámos muito da sua presença. Ajudou-nos bastante! Desejamos-lhe boa viagem e até para o ano, se Deus quiser.

«Martelo»

## Associação dos Antigos Gaiatos de Setúbal

No passado dia 28 de Junho, realizou-se uma Assembleia Geral, desta Associação, donde saiu uma nova Direcção, presidida por António Vieira Pereira — o «Cereja».

A Direcção compromete-se a trabalhar com o intuito de incentivar e promover o contacto entre os vários elementos da Associação e seus familiares, através de algumas actividades lúdico-desportivas. Há que preservar e melhorar o legado da anterior Direcção.

Durante a Assembleia e após a eleição da nova Direcção, foram votadas algumas alterações (das quais daremos, posteriormente, informações aos sócios interessados), entre as

Tiragem média do GAIATO, por edição, no mês de Agosto: 70.400 exemplares.

quais a nova morada e contactos telefónicos, que a seguir discrimino:

**Morada:** Avenida Jaime Cortesão, 25 — 2910 Setúbal.

**Contactos telefónicos:** (065) 39594, das 9 às 13 horas e das 15 às 19 horas; (065) 32044, aos fins-de-semana e dias úteis das 20 às 24 horas.

Foi, também, deliberado, em reunião da Direcção, que as quotas dos associados residentes em Setúbal, passam a ser pagas mensalmente, junto do Joaquim Viegas, na Travessa do Garim, 1 — 2900 Setúbal, e na morada da Associação (acima referida), junto do Vieira.

Os associados que moram fora de Setúbal, receberão brevemente correspondência indicando a forma de pagamento.

Fernando Pinto

## AZURARA

Com o final de Agosto, chegou também o termo das nossas férias em Azurara.

Foram momentos de grande alegria em que pudemos disfrutar um Agosto sem nortadas, quase sempre ensolarado.

Contudo, às vezes acontece qualquer coisa que tenta estragar a harmonia de uma grande família como a nossa. Agora, apareceu um tarado tentando iludir, com dinheiro, dois dos nossos rapazes. De louvar, a maturidade com que os nossos companheiros responderam. Mas, desde já, fica o aviso, pois vem acontecendo com frequência este tipo de coisas.

Para terminar, deixo um voto de apoio àqueles que, na altura exacta, souberam ditar a verdadeira justiça.

Daniel («Cenoura»)

## MOÇAMBIQUE

**ESCOLA** — Lá se foram os tempos em que percorríamos cinco quilómetros para ir à Escola, pois ainda habitávamos na Massaca. Depois, com muito esforço e sacrifício dos gaiatos, passámos para a Casa nova, inaugurada a 22 de Outubro do ano passado.

Todavia, era um quilómetro diário para chegar à Escola e mais outro para voltar à Casa. Manhã aqui, manhã acolá, pequenos desvios pelo caminho, assim foi a vida escolar durante dez meses. E com sábados sacrificados à procura de pedras soltas — três carradas ao dia, por vezes quatro — foi crescendo o alicerce daquilo que é a «Escola da Casa do Gaiato»; hoje, admirada e contemplada por vários visitantes e Amigos, constituindo uma parte do orgulho dos gaiatos.

Finalmente, inaugurada a 19 de Julho, do corrente ano, é constituída por dois pavilhões. O primeiro para o 1.º e 2.º graus do Ensino Primário; o segundo pertence ao Ensino Secundário.

Possuindo um perfil educativo bem definido, oferece aos alunos uma oportunidade de definir o seu futuro, de uma maneira certa, dependendo apenas do aproveitamento de cada um!

Tem aos dispor dos alunos, também, um laboratório, uma biblioteca e uma sala de áudio-visual, um recreio coberto e um salão de actividades culturais. Todavia, tudo isto valeu grande sacrifício e empenho aos operários, e de modo especial, aos que dela beneficiam!

Virol

## DOCTRINA

A dita dos gozadores da vida dura pouco tempo



**A**QUI me tens à tua porta. Não admira que esperes a minha visita semanal e faças gosto de me ouvir, que ele não há no mundo nada mais agradável do que a eloquência do coração a dizer coisas humanas com sentimento divino. A beleza encontra-se na simplicidade. Eu apaixono-me pelo que digo; sinto e oiço a minha palavra; faço renda com linhas de verdade. A crónica dos sábados, no *Correio de Coimbra*, sou eu cem por cento a falar aos corações com o coração na mão.

**E**LA apareceu-me na rua, sítio onde gasto as minhas energias e faço as minhas orações enquanto tu passas, levado. Viera para Coimbra, em nova, e empregou-se numa fábrica de onde em breve foi retirada do trabalho, para trabalhos, pela voz fagueira do seu senhor. «Come, que ficas a saber tudo.» A palavra cálida da serpente não mudou de significado porque os homens também não. Quantos deles e quantas delas não têm ficado, na verdade, a saber coisas que antes da tentação ignoravam e desejariam nunca ter conhecido — quantos! Trazia pela mão alguns filhos: «Tenho ouvido dizer que você é amigo dos Desgraçados. Ninguém mais do que eu no mundo, Padre. Dê-me pão!» E relatou com lágrimas a cair.

**E**NTEI num escritório da Baixa onde tu passas muitas vezes. Grupos de raparigas trabalham em filas silenciosas e trocam, à minha passagem, sorrisos garotos — «ui, um homem de saias!» Ignorantes de que o homem de saias ia advogar a causa delas. O arranjo, dentro, é o espelho onde se vê a figura do industrial com quem ia falar: nem beleza nem limpeza. Há cadeiras de pinho, hirtas; e mesas do mesmo material, carunchosas. Rede de capoeiras marca as divisões. Suspenso na parede lê-se a divisa: «Aqui não se dá nada nem se atendem subscrições».

**A**I desgraçado!, disse eu comigo — mesmo antes que o homenzinho chegasse; oh infeliz, que também nada recebes! Sim; porque a medida que cada um fizer agora ao seu semelhante, essa mesma medida há-de encontrar feita a si mesmo, à hora da morte. Se não fora esta verdade, toda a morte seria péssima; mas não. Ele há mortes preciosas, com medidas coaguladas. Não tenhas medo que o teu Juiz é justo. Mede tu bem aos outros,

agora, que recebes então igual. Senhor, eu quero medir sempre pela Vossa medida. Quantas vezes me não deixo eu comer pelos *espertos* e ficar com a fama de *anjinho*, só para que me deixem fazer medida grande! O senhor não se fez esperar e puxou duas cadeiras. Pedi a palavra e disse que não tinha outro título para tocar em assunto tão delicado, a não ser o de sacerdote; e entrei francamente na matéria. Há dez anos que queimo as pestanas dos meus olhos na Obra da Rua onde não faltam histórias que são réplicas fiéis à de hoje. Pois muito bem; até à data, somente encontrei um justo que quis e soube fazer penitência do seu pecado: «Sim, Padre, eu sou responsável e desejo reparar». Só um!, e este era indiano.

**T**enho chorado vezes sem conta nas ruas mai-las desenganadas. Outras tantas vezes tenho ido humildemente à presença dos senhores faustosos, pedir-lhes que emendem e que se emendem — e só topei um justo! Oh quão longa e fácil não é a estrada por onde caminham os que se perdem, a calçar lágrimas que souberam fazer e não querem enxugar — quão!

**M**AIS vezes me tem aparecido, a pedir pão, a mãe destes filhos, com eles pela mão; e eu digo-lhes que não — por amor à Justiça. Eles mesmos o pedem com boca esfaimada e sem culpas; e eu digo-lhes que não — por amor à Justiça. E eu tenho pão com abundância, daquele mesmo que rilham os rapazes do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios mal-lós míudos da Casa do Gaiato; e deixo ir as crianças a chorar por ele, sem ele — por amor da Justiça. Não se me dá que me chames cruel ou que desmereça na tua opinião. Por nada do mundo quero ser usurpador; a caridade é bem ordenada; caminha a par, sim, mas não tira a vez à Justiça. De que vale matar a fome, se fica a imoralidade de pé?! Ora aí tens.

**V**OLVAMOS agora as vistas para a vindima na Casa do Gaiato, feita por eles, em um destes dias de sol e de barulho, que quem passava subia acima a ver o que era. Eram eles com cestos e bancos e canivete; tudo a filar cachos — «ai que lindos!» — e a depenicar neles, livremente. Outros acarretam, outros escolhem, outros pisam. O que se fez e o que se disse naquele dia não é para contar a ninguém. Receberam o prémio da sua grande fidelidade. Cada um comeu quanto quis porque nunca nenhum deles tirou um cacho antes da vindima; e eles ali tão baixinhos e tão fáceis, a dizer-lhes: — *Comei-me*. Mas não cederam!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

## Crianças «em risco»

Continuação da página 1

carências afectuosas», embora, «segundo a progenitora, seja muito reivindicativo».

Com todo este vai-vem, «aliado à instabilidade afectiva» — que admira que na área escolar o insucesso seja a marca?!

Tanto mais que «no presente ano lectivo, o Fábio decidiu não voltar à escola como forma de exercer chantagem sobre a progenitora». E mais, ainda: que «só voltará a estudar se for viver com o irmão e o pai registral».

No meio desta maré negra que tem sido a vida do Fábio, uma nesgazinha de água azul: «Apesar de ser fruto de uma relação extra-conjugal, tal circunstância não parece ter afectado a sua aceitação por parte do pai registral, com quem viveu enquanto este e a progenitora viveram juntos».

Parece, na verdade, que foram estes cinco primeiros anos de sua vida, tempo em que o Fábio gozou de alguma segurança, de algum afecto, de alguma alegria de viver, para tanto querer a este pai que não precisou de ser progenitor para encarnar a figura paterna — a única

figura paternal que o Fábio experimentou e reconhece.

Há a mãe deste pai (com quem, decerto, ele vive...) que reage à vinda do Fábio para onde ele é ainda capaz de encontrar vestígios de um lar. Julgo que será de tentar até ao fim esta solução querida pelo pequeno, de vida tão breve e tão saturada de sofrimento.

Neste caso, sim, a colaboração institucional, será a última hipótese a pôr-se. E já que não foi considerada mais cedo, só a aceitaremos se diligências a fazer com muita determinação e perseverança não lograrem a conversão do *avó registral* a quem Deus dê a grandeza de alma que parece ter dado ao filho dela.

Padre Carlos

# MOÇAMBIQUE

## Inauguração das Escolas

A nossa Obra nunca foi de inaugurações. Pai Américo fê-las sempre no Altar. Quando lhe entregaram oficialmente a Casa de Setúbal, dizia quem viu, que o seu gesto foi passar a mão pelas paredes, certamente, como ele era capaz, alheado do que se passava à volta, acarinhando nesse gesto o sonho de ter mais uma Casa para os rapazes abandonados. Isto de fazer festa com obras que, por mais que correspondam a angustiantes necessidades sociais, não são a solução definitiva — nem tem graça. Como naquele tempo pelas ruas do Porto apareciam os vadios, assim hoje e mais ainda, agora e aqui nas ruas de Maputo. E as obras levantadas que são uma saída ao rapaz, não são a solução do problema da criança da rua. A sua raiz está na falta de estrutura moral na família urbanizada e o seu agravamento, apetece dizer, com o mesmo grau de culpa em quantos diariamente os acarinham e alimentam na rua. Quantos já deixaram a mão estendida a pedir, mas a usam com perícia para roubar. Se hoje são mais de cem pela baixa da cidade, não tarda que o número duplique. Que fazem as instituições de assistência que há por aí? — perguntará alguém. Assistem impotentes ao crescimento diário

dos que na rua, a pedir, ganham dez vezes mais que o pai, se o tem a trabalhar.

Mas é um facto, fizemos a inauguração da nossa Escola. Na sombra ficaram mais três edifícios para dormitórios, a oficina de marcenaria e outra, bem grande, onde se fabricam blocos para as construções e vários produtos em cimento de que precisamos para esta Casa e futuramente fonte de renda para o sustento.

A inauguração foi presidida pelo Vice-Ministro da Educação na impossibilidade de estar presente o senhor Ministro, que nasceu perto da nossa antiga Casa do Infulene e ao tempo era colega de escola dos nossos que vinham a estudar na cidade.

O acto teve mesmo corte de fita, seguido de uma visita aos dois pavilhões, sala por sala. Após a visita, toda a gente tomou lugar no recreio coberto, que tinha uma parede decorada com muitas fotos dos rapazes nas actividades da Casa, com uma legenda de Pai Américo: «Fazer de cada Rapaz um Homem».

Estavam, além dos nossos rapazes e dos alunos externos com seus professores, mais de cem pessoas vindas de Maputo, da Comunidade Portuguesa, especialmente da Academia do Bacalhau, em relevo o Embaixador de Portugal, e Cônsul Geral, o Embaixador de Espanha, da Cooperação Espanhola e do Conselho inter-hospitalar de Cooperação, O.N.G. que mediou ajuda da C.E.E. à Casa do Gaiato. O

senhor Vice-Ministro, ao encerrar as várias intervenções, esboçou o plano do Governo para a Educação e frisou como a nossa Escola se insere *exemplarmente* (peço desculpa de citar), dentro das linhas traçadas.

Houve almoço confeccionado pelos nossos rapazes, claro que acompanhados, nesse dia, por mão feminina, que a todos agradou, reforçado ainda, pelo tradicional prato de bacalhau que os amigos da Academia quiseram juntar.

Do nosso salão de refeitório, pequeno para tantas pessoas, nesse dia, passámos todos ao salão de festas, cujo palco, acabado pelos nossos carpinteiros Quim e José Alberto às quatro da manhã, estava primoroso. Todos os rapazes desfilaram por ali, com suas danças e cantares, de carácter mais escolar pelos mais pequeninos e os tradicionais pelos mais velhos. Estes, ainda, trouxeram ao palco uma longa peça de teatro, com uma arte e um saber de experiências feitas — o retrato do abandono e da vida na rua.

A tarde tinha passado. Desde as onze horas da manhã que tudo girou à volta deles. Só os edifícios ficaram no seu lugar, com uma beleza singela mas acolhedora como sinal de esperança no seu futuro e símbolo de tantas vontades que se entrelaçam na Obra da Rua para alicerçar vidas que hão-de marcar o desenvolvimento desta terra.

Padre José Maria



Colheita de fruta

# MALANJE

10/8/97

AQUI, neste cantinho de Setúbal, aconchegados no Lar da nossa Casa do Gaiato. Tempo chuvoso, pelo que não pudemos contemplar e gozar as belezas da serra da Arrábida. Todos felizes no nosso encontro anual — e tão amoroso! Encontro dos gaiatos de Malanje. Rapazes que em 1975 vieram para Portugal e aqui se empregaram. Vieram com suas esposas, filhos e já uma netinha. Filhos, netos e bisnetos da Obra!

Tem sido sempre um dia tão feliz! Abraços, beijos, santa Missa e refeições em família.

Recordamos sempre: as carradas de pedra que, à noite, acarretávamos; aquele veado — mesmo à frente do farolim; os campos de algodão e de tabaco; as partidas de alguns! (que só agora venho a saber).

Duas netas trouxeram os namorados. Outra, disse ela em segredo, que me queria apresentar o seu.

Disse-lhes na santa Missa que a verdadeira paz e felicidade não estavam no «ter» coisas mas no «ser» e na valorização pessoal. Necessária, para tal, a nossa amizade com o Senhor — cada um construir no dia-a-dia o edifício belo e harmonioso dessa amizade.

Esta alegria que sentimos em cada encontro é uma flor rara e bela!, não a deixemos murchar.

CONSOLEI-ME com amoras bem pretinhas nas silvas da montanha! Mais castiço o espectáculo das serranias, ao mastigá-las!

No momento, senti pena dos afadigados na procura duma paz e felicidade que não encontram. Buscam nas «coisas» o que deveria estar nos corações... Assim, não mais.

Lembrei, com angústia, os nossos pêssegos maduros apodrecendo no chão!, enquanto as Donas invadem os supermercados na procura de maçãs «envernizadas» que vieram doutras terras.

Igualmente, revivi, com tristeza, o espectáculo de violência e sexo ao serviço do reclame duma lâmina de barbear — nas televisões do mundo.

Acabei as amoras. Subi ao pico das Borrageiras em pleno Gerês. Lá, a visão única das cristas e dos vales profundos! Procurei, com ânsia, na linha do horizonte — um risco de esperança no céu azul! Há sempre um fio dourado por sobre as névens.

Padre Telmo

## ANGOLA

# Muito trabalho a fazer!

POR duas vezes naquele dia, o rapaz ficou estirado no chão. Da primeira, alguém me veio chamar dizendo que o Valente estava mal. Fui ver. Quando dele me abceirei e o questionei, respondeu: «Estou normal». Saí.

Passadas poucas horas passava no largo da nossa Aldeia de Malanje e vi um ajuntamento de rapazes. Aproximei-me e descubro no chão o Valente. Estava com ataques epiléticos. «Ele tocou na água e está com a gota!», afirmava um dos rapazes. «Bom, não é bem assim...», respondi.

No dia seguinte foi à consulta médica. Era epilepsia o mal do Valente. Começou a medicação e terminaram os ataques.

Entretanto verifiquei que o prato do doente era igual aos destinados aos outros doentes que não vêm ao refeitório. São diferentes para se poderem controlar melhor. Mas como ele vinha à mesa, fiquei admirado por estar sujeito a tal tratamento. «É para que não pegue aos outros!», esclareceu o refeitoreiro.

O desconhecimento das doenças, suas causas e tratamento, é evidente entre o povo. Esta semana, faleceu, de tuberculose, o pai de uma família vizinha. Soube depois que toda a família ficou contaminada por desconhecimento do perigo de contágio...

Estamos assim nos rudimentos.

Tenho visto na televisão vários programas sobre cuidados de saúde. Mas quem pode acompanhar este meio de comunicação?

Por outro lado, os medicamentos que se comerciali-

zam, são a preços inoportáveis para a maioria da população. Tive conhecimento directo de um rapaz que para tratar doença comum da irmã, não lhe chegou o ordenado do mês.

A medida que vou observando o modo como encaram a vida no aspecto do consumo e do poupar os bens, fico perplexo. Como ajudar a compreender que a vida não dura só o dia de hoje? Trata-se de ajudar! Nada se pretende impor! Mas...

O serviço dos Pobres é igual em todo o lado. As carências são as mesmas. Os defeitos são os mesmos. Neles está presente o mesmo Senhor: «Sabe, padre, o André quando lhe morreu a mãe, andava com a irmãzinha às costas (como aqui fazem as mães) porque a tia, que tinha tomado conta deles, não lhe ligava nada!», dizia uma religiosa que serve num bairro pobre. Um bairro igual a todos os outros. «E quando, há dias, a mana o veio visitar, o André rejubilou de felicidade!»

Está por aqui muito trabalho a fazer pela Igreja e pelos homens de boa vontade. Será que já existe consciência das responsabilidades sociais da parte civil e da religiosa? Ou será a família alargada a resposta para os problemas?

Vivemos o tempo dos grandes discursos, das soluções integrais. Não conheço o melhor caminho, mas quem quiser remediar já estará fazendo bem, o Bem.

Padre Júlio

# Cartas

Grata

Grata pelo vosso Jornal. Ensina-me, alerta-me, incomoda-me, desinstala-me. Que Deus esteja sempre conosco. Sinto-me um pouco «tremalhada». Desculpem o atraso. O que resta, saberão usá-lo melhor do que eu.

Assinante 52817

Leitura e partilha

Será possível enviar O GAIATO para o Brasil? Eu, meu marido e filhas vamos viver para o Rio de Janeiro e não gostaria nada de o «perder».

Peço mais um favor: alterem a remessa do Jornal para o nome de um dos meus irmãos. Deste modo passará a haver alguém «responsável» pela sua leitura e a partilhar com o resto da família.

Assinante 5550

## PENSAMENTO

Quero ser pobre para ter ocasião de enriquecer as multidões ricas.

PAI AMÉRICO